

Na batida do Tambor de Crioula: ecoando saberes afro-brasileiros na educação

Zayda Cristina Rocha Costa

Secretaria Municipal de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação de Codó, MA

Jhonatan Wendell Tavares Ferreira

Universidade de Pernambuco (UPE)

Kelly Almeida de Oliveira

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Resumo

Este artigo analisa o Tambor de Crioula como ferramenta pedagógica no ensino-aprendizagem e nas criações artísticas de estudantes do 8º ano, com enfoque nas contribuições afro-brasileiras à sociedade e às artes. Utilizou-se como metodologia a pesquisa-ação, promovendo a participação colaborativa para alcançar os objetivos propostos. Foi observado que os conteúdos sobre o Tambor de Crioula são raramente trabalhados em sala de aula e praticamente ausentes nos livros didáticos de Artes do Programa Nacional do Livro Didático, PNLD. Como resultados destaca-se que ele é manifestação popular maranhense de grande ancestralidade, resistência negra e riqueza cultural, o Tambor de Crioula, quando inserido no contexto educacional, contribui para o reconhecimento da herança afro-brasileira, a construção de identidades e a promoção de representatividade. É necessário ampliar o diálogo sobre práticas pedagógicas, criação artística e inclusão de conteúdos culturais nos materiais didáticos, destacando o potencial do Tambor de Crioula para enriquecer a educação e valorizar a história/cultura afro-brasileira.

Palavras-chave: tambor de crioula; educação antirracista; práticas pedagógicas; educação e artes; inclusão cultural.

Ê coreira! Vamos ao Tambor de Crioula.

Este artigo apresenta parte dos resultados alcançados por meio de uma pesquisa de mestrado, intitulada *Ê Coreira! Tambor de Crioula na Sala de Aula* (Costa, 2023), vinculado à linha de pesquisa “Processo de ensino, aprendizagem e criação em artes” do Programa de Pós-graduação em Arte, da Universidade Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

O Maranhão, oitavo maior estado do Brasil em extensão territorial, destaca-se pela rica miscigenação de seu povo, formada principalmente pela interação entre indígenas e pessoas negras. De acordo com dados do IBGE de 2022, apenas 20% da população maranhense se

identifica como branca, refletindo a forte presença e contribuição das culturas afro-indígenas na constituição social e cultural do estado. Essa diversidade manifesta-se nas danças, na musicalidade, nas lendas, no teatro e na culinária, expressando as histórias, valores e modos de vida desses povos.

Durante o período colonial, o Brasil recebeu uma expressiva quantidade de africanos e africanas, que, ao serem forçados à diáspora, trouxeram consigo um legado cultural que influenciou profundamente a formação da identidade nacional. No entanto, por séculos, os povos africanos foram invisibilizados e excluídos dos registros históricos oficiais, o que perpetuou desigualdades e apagamentos. Reconhecer e registrar o impacto desse legado em todos os setores da sociedade é um passo essencial para a reparação histórica. Nesse contexto, a inserção de expressões culturais como o Tambor de Crioula no ambiente escolar representa uma ação reparadora e indispensável para a educação brasileira, promovendo a valorização das raízes africanas e o fortalecimento de uma identidade multicultural.

Esta pesquisa foca especificamente na integração da arte à educação, investigando as possibilidades de levar o Tambor de Crioula para a sala de aula como conteúdo da disciplina de Artes. O objetivo é compreender os impactos educacionais, culturais e sociais dessa abordagem, analisando como o contato com essa manifestação cultural pode enriquecer a formação dos/as estudantes, fortalecer a autoestima das comunidades negras e ampliar a compreensão da diversidade cultural brasileira. Ao trazer o Tambor de Crioula para o currículo escolar, busca-se não apenas valorizar uma tradição ancestral, mas também fomentar um espaço de diálogo, pertencimento e resistência dentro das escolas.

Podemos encontrar no memorável livro *Tambor de Crioula: ritual e espetáculo*, organizado pelo professor Sergio Ferretti (2002), uma pesquisa detalhada sobre diversos aspectos dessa manifestação, explicando que:

[...] a dança Tambor de Crioula. Embora se aproxime de outras danças de umbigadas existentes na África e no Brasil, somente no Maranhão ela é conhecida com essa denominação. É uma dança de divertimento, de origem africana, sem época fixa de apresentação, e que se incorpora às práticas do catolicismo tradicional e da religiosidade afro-maranhense (Ferretti, 2002, p. 15).

Vivenciar o Tambor de Crioula, ou Tambor Crioulo, como é referido em registros históricos mais antigos, é mergulhar em uma manifestação que integra ciência, cultura, espiritualidade e tradição. Cada etapa do processo de confecção dos tambores reflete uma conexão com a natureza e os saberes ancestrais. Desde o conhecimento sobre as diferentes espécies de madeira adequadas para os tambores, passando pela escolha e preparação do couro animal para cobri-los, até o momento de acender uma fogueira para afinar os instrumentos, tudo é permeado por significados que transcendem o fazer material e se ancoram na vivência cultural/espiritual.

A confecção dos instrumentos não é uma tarefa imediata. Trata-se de um processo que pode levar dias ou até meses, respeitando o tempo da natureza, como a fase lunar propícia para a extração da madeira. Cada etapa segue um ritual, e o acendimento da fogueira torna-se um momento de celebração. Ao redor desse fogo, as pessoas se reúnem para aquecer os tambores, compartilhar memórias e renovar sua fé no invisível. O fogo não apenas aquece os instrumentos, mas também fortalece os laços afetivos, reacende sentimentos e alimenta a criação de algo novo. Ele é, ao mesmo tempo, símbolo de resistência, tradição e renovação.

Durante as festas juninas, o Tambor de Crioula é uma presença marcante nos arraiais do Maranhão, enchendo os espaços de ritmo, energia e ancestralidade. Entretanto, essa manifestação cultural não se restringe a uma época do ano; o fogo que aquece os tambores permanece aceso ao longo de todo o ano, como um elo entre passado, presente e futuro. Como observa Semerene (2007), as celebrações juninas carregam significados profundos, que vão além do entretenimento, revelando a riqueza simbólica de tradições que resistem e se reinventam continuamente. Assim é o Tambor de Crioula: uma chama cultural que nunca se apaga.

[...] as festas ocorrem em junho porque na Europa este é o mês do Solstício de Verão (época em que o sol passa por sua maior declinação boreal – dias 22 ou 23 de junho), e os povos pagãos comemoravam a chegada desta estação com rituais que invocavam a fertilidade para garantir o crescimento da vegetação, na fartura, na colheita, e clamar por mais chuva. Eles achavam e dependiam dessas manifestações para evitar uma calamidade. Costumavam acender fogueiras e tochas por acreditarem que assim livrariam as plantas e colheitas dos espíritos maus que poderiam impedir a fertilidade. O fogo também representa criação, nascimento, luz original, alegria e elemento que foi divinizado pelo homem. O princípio de vida, revelação, iluminação, purificação (Semerene, 2007, p. 02).

O Tambor de Crioula é uma dança livre, desenvolvida por africanos/as e seus/suas descendentes no Brasil. Iniciada por negros/as maranhenses, na qual tradicionalmente somente homens participavam, cantando, dançando e tocando os instrumentos musicais. Em determinado momento, não especificado, as mulheres começam a participar da brincadeira como dançantes, trazendo mais leveza e suavidade, assim, possibilitando que a sociedade viesse a aceitar a dança com mais facilidade (Ferretti, 2002).

O Tambor de Crioula, assim como outras manifestações culturais negras no Brasil, como o samba, a capoeira e o bumba-meu-boi, percorreu uma longa trajetória de resistência. Passou da marginalização, perseguição e até demonização para alcançar o reconhecimento como Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira. Mais do que uma expressão artística, o Tambor de Crioula simboliza corpos negros em movimento, livres para dançar, vibrar e se reencontrar em sua ancestralidade. É dança, é som, é gestualidade; é um espaço de encontros, de sorrisos e de memórias vivas. Pensar e falar sobre o Tambor de Crioula é evocar a história do povo negro em diáspora: suas dores, as marcas da escravidão, mas também sua força, sua cultura e sua

capacidade de reinvenção. É, sobretudo, uma oportunidade de dialogar sobre racismo, resistência e a construção de narrativas que celebram a liberdade e a identidade afro-brasileira.

Esses diversos passos revelam a consciência sobre o racismo não como uma questão moral, mas sim como um processo psicológico que exige trabalho. Nesse sentido, em vez de fazer a clássica pergunta moral “Eu sou racista?” e esperar uma resposta confortável, o sujeito branco deveria se perguntar: “Como posso desmantelar meu próprio racismo? Tal pergunta, então, por si só, já inicia esse processo” (Kilomba, 2019, 54).

Contextualizar as manifestações negras para além do mero divertimento, é nos permitir olhá-las a fundo, para além do comum, mas o que ela diz e traz em suas entrelinhas, enquanto for confortável para a sociedade que não se fale, pense ou questione o racismo, estão se mantendo todas as consequências do período escravocrata com normalidade, em que o/a negro/a tem seu lugar na pirâmide social sendo a base, nos subempregos, nos presídios, em situação de rua, nas favelas sem o mínimo de saneamento básico, jamais em postos de poder e de decisão, sem poder de compra significativo, sem direito a sua estética e o título de beleza. Podemos assim, entender que o Tambor de Crioula se faz essencial nas salas de aula na Educação Básica, abordada como linguagem em Dança e conteúdo significativo para o desenvolvimento humano.

Desta forma, estruturamos este artigo da seguinte maneira: iniciamos com esta introdução, onde apresentamos o tema e a relevância do Tambor de Crioula no contexto educacional. Na segunda seção, “Afinando os tambores: batidas metodológicas”, detalhamos a metodologia empregada, destacando os procedimentos e abordagens que orientaram a pesquisa. Em seguida, em “No ritmo do tambor”, terceira seção, apresentamos o Tambor de Crioula, enfatizando sua origem, significado cultural, o seu entrelaçar com a religiosidade, trajetória de resistência até o reconhecimento como Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira. Na quarta, “Entre o som dos tambores e o rodar das saias: pesquisa de campo”, apresentamos o Tambor de Crioula como ferramenta pedagógica antirracista, descrevendo as práticas desenvolvidas e os resultados observados no processo de ensino-aprendizagem em uma escola. Por fim, encerramos com as considerações finais, refletindo sobre os impactos e contribuições do Tambor de Crioula na educação e apontando possibilidades para ampliar o uso de manifestações culturais afro-brasileiras no ambiente escolar.

Afinando os tambores: batidas metodológicas

A pesquisa realizada neste estudo seguiu uma abordagem metodológica do tipo pesquisa-ação, um processo investigativo que se caracteriza pela participação ativa dos/as envolvidos/as e pela busca de soluções práticas para problemas reais. A pesquisa-ação é um método que visa não apenas compreender a realidade, mas também transformá-la, promo-

vendo mudanças concretas no contexto investigado (Thiollent, 1985; Pinto, 1989). Neste caso, o objetivo foi integrar o Tambor de Crioula ao ambiente escolar, não como um objeto de estudo, mas como uma ferramenta pedagógica viva e envolvente, capaz de provocar reflexão e ação no cotidiano de estudantes e professores/as.

A opção pela pesquisa-ação se deu pela necessidade de um olhar mais dinâmico e participativo na implementação do Tambor de Crioula como prática pedagógica. Ao envolver diretamente os/as estudantes no processo, a pesquisa permitiu que as práticas educativas fossem (re)configuradas a partir das interações reais dentro da sala de aula. Em vez de ser uma investigação distante e teórica, a pesquisa-ação proporcionou um espaço de aprendizado contínuo e colaborativo, onde todos/as os/as envolvidos/as contribuíram ativamente para a construção e adaptação das estratégias pedagógicas (Thiollent, 1985; Pinto, 1989).

No decorrer da pesquisa, a coleta de dados se deu de maneira contínua e reflexiva, por meio da observação direta e registros das atividades realizadas. A cada intervenção com o Tambor de Crioula, houve uma avaliação e um ajuste dos métodos, permitindo que o processo se desenvolvesse de maneira flexível e responsiva às necessidades do grupo. Esse ciclo de ação e reflexão proporcionou um aprofundamento das práticas pedagógicas e permitiu que o tambor fosse integrado de forma mais eficaz e significativa ao currículo escolar.

A pesquisa-ação também foi fundamental para o fortalecimento do compromisso da escola com uma educação mais inclusiva e representativa. O diálogo constante entre os/as pesquisadores/as e os/as discentes possibilitou que o Tambor de Crioula fosse compreendido não apenas como uma ferramenta cultural, mas como um meio de reflexão sobre a identidade, o racismo e a resistência. Essa abordagem colaborativa e transformadora evidenciou que a educação deve ser um processo dinâmico e coletivo, capaz de adaptar-se às realidades culturais e sociais dos alunos.

Por fim, a escolha pela pesquisa-ação fortaleceu o caráter pragmático e aplicável da pesquisa, pois os resultados gerados não se limitaram a um conhecimento teórico, mas se traduziram em práticas concretas que podem ser replicadas e adaptadas em diferentes contextos educacionais. A pesquisa-ação, ao integrar teoria e prática, mostrou-se como uma abordagem eficaz para promover mudanças significativas e sustentáveis na educação, especialmente no que tange à valorização e promoção da cultura afro-brasileira. Dessa forma, a pesquisa foi conduzida em sala de aula por meio de duas grandes etapas: “Caminhos do conhecimento: da descoberta ao protagonismo” e “Ritmos e cores: da prática à apresentação”.

ETAPA I: “CAMINHOS DO CONHECIMENTO: DA DESCOBERTA AO PROTAGONISMO”

Nesta etapa, buscamos promover um processo contínuo e interativo de aprendizado sobre o Tambor de Crioula, envolvendo os/as discentes em várias frentes de estudo e reflexão. Iniciamos com o **Ciclo Autoformativo**, onde os/as estudantes compartilham seus

conhecimentos prévios e experiências com a cultura popular, permitindo uma aula dialogada e rica em troca de saberes. Seguimos com **leituras direcionadas de autores/as como Ferretti (2002), Kilomba (2019), Braga (2007) e outros/as**, aplicação de **questionários de sondagem** e exibição de **documentário (Na fiel da balança de Francisco Colombo)**, para aprofundar o entendimento sobre a importância cultural e pedagógica do Tambor de Crioula. A partir dessa base, os/as estudantes produziram **redações** sobre os documentários assistidos, refletindo sobre o papel da cultura na sociedade. A etapa incluiu também **debates em sala de aula**, onde eles/elas tiveram a oportunidade de expor e defender suas opiniões, promovendo o protagonismo juvenil.

ETAPA II: “RITMOS E CORES: DA PRÁTICA À APRESENTAÇÃO”

Nesta etapa, o foco foi a imersão prática dos/as discentes no universo do Tambor de Crioula, desde os preparativos até a culminância da apresentação. Iniciamos com o momento simbólico de **fazer a fogueira**, uma preparação para as aulas práticas de canto, toque e dança, realizada ao ar livre, ao redor da fogueira, onde os/as estudantes se conectaram com o “espírito” da cultura popular. Em seguida, partimos para a **produção coletiva de toadas**, com os/as pesquisadores/as ensinando toadas populares e, depois, incentivando-os/as a criarem suas próprias músicas em grupos.

O aprendizado musical foi concretizado com **aulas de canto**, nas quais as equipes apresentam suas criações. A **estética africana** ganhou destaque nas aulas sobre vestimentas e cores, com eles/elas explorando a simbologia de tecidos, turbantes e acessórios típicos. O trabalho se estende para a **formação do grupo de dança**, onde se definiu quem seria tocador, coreira ou cantor, e foi seguida pela fase de **ensaios e exercícios**, dedicados ao refinamento das apresentações. A etapa culminou na **apresentação do projeto**, onde toda a escola foi convidada a prestigiar a expressão coletiva do conhecimento adquirido.

Os encontros (etapa I e II) ocorreram ao longo de quatro meses, de agosto a novembro de 2022, com sessões realizadas semanalmente. A programação consistiu em quatro encontros por mês, exceto em outubro, quando foram realizados três encontros devido a ajustes no cronograma.

No ritmo do tambor

O Tambor de Crioula recebeu, no ano de 2007, o título de Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira pelo IPHAN, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O dia 18 de junho ficou marcado como o dia Municipal do Tambor de Crioula. Foram inventariados setenta e quatro grupos de Tambor de Crioula de São Luís/MA e foi criado um museu, intitulado *A casa do Tambor de Crioula*. No livro *Coreiras: performance e jogo no tambor de crioula*, a professora e pesquisadora Cassia Pires investiga a dança do tambor de crioula, a

coreira, e suas relações com o campo da performance. Segundo ela, “A cidade de São Luís já é reconhecida há doze anos pela UNESCO como patrimônio da humanidade e o Tambor foi consagrado como patrimônio imaterial no dia 18 de junho de 2007. A Cerimônia foi realizada pelo então Ministro da Cultura Gilberto Gil” (Pires, 2019, p. 47).

Apesar dos marcos e reconhecimentos realizados, não há registros que indiquem benefícios concretos para os/as praticantes dessa manifestação cultural. Nas programações culturais promovidas pelas Secretarias de Estado e do município, percebe-se um descaso evidente com o Tambor de Crioula. Ele é frequentemente relegado a horários de abertura dos circuitos oficiais, com pouco público presente, sem infraestrutura de som adequada e em espaços pouco adequados para as apresentações.

Os grupos são, muitas vezes, direcionados em grande quantidade para áreas rurais e bairros periféricos, o que gera um dilema: atender aos turistas no Centro Histórico ou se apresentar em outras localidades. Essa situação reflete um preconceito estrutural na sociedade, enquanto as demandas dos/as brincantes, que reivindicam melhores condições, seguem desatendidas. Embora o Tambor de Crioula tenha sido reconhecido como Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira, sua valorização prática ainda é limitada. Esses desafios são especialmente visíveis durante os períodos juninos e carnavalescos, embora essa manifestação cultural possa ocorrer livremente ao longo de todo o ano. Mas, e os/as brincantes? Quem são as pessoas que mantêm esta brincadeira e devoção por séculos? Como cuidar, apoiar e dar algum tipo de sustentabilidade para seus/suas mantenedores/as? Sobre essa realidade, Ferretti (2002) tece as seguintes considerações:

O folclore passa a ser assim encarado como uma mercadoria de consumo artístico e não em função da necessidade de seus produtores. Entre chefes de grupos de Tambor de Crioula verificamos a consciência de estarem sendo explorados em virtude desta valorização pelo turismo [...] a dança do Tambor de Crioula torna-se mais uma tentativa de ampliação do orçamento de setores economicamente menos favorecidos da sociedade (Ferretti, 2002, p. 166).

O Tambor de Crioula, em sua essência primordial, transcende qualquer função atribuída pela modernidade. Ele se constitui como uma expressão em que as pessoas, ao dançarem, criaram um espaço de trocas afetivas, culturais e simbólicas. Era uma manifestação de disputas saudáveis, seja para provar quem era o melhor tocador, rimador ou quem possuía maior agilidade no corpo. Na dinâmica da dança-desafio, a habilidade individual era colocada à prova, e as toadas poéticas permitiam retratar a realidade cotidiana. Esse momento representava um espaço singular de vivência plena da humanidade negra, um lugar onde se afirmavam e se forjavam pertencimentos (Ferretti, 2002; Pires, 2019).

Os/As participantes do Tambor de Crioula, independentemente do motivo que os/as aproxima – seja por herança familiar, curiosidade acadêmica ou por razões religiosas – estabelecem um elo profundo com essa manifestação cultural. Esse vínculo, muitas vezes invisível, conduz

a compromissos que vão além do simples ato de brincar. Desde os primeiros passos como dançante até a decisão de transmitir os saberes tradicionais para as futuras gerações, há um processo contínuo de engajamento que garante a perpetuação e vitalidade da cultura. Essa dedicação revela um compromisso em manter viva a tradição, transformando o Tambor de Crioula em um símbolo de resistência e continuidade.

No interior do Maranhão e em outras localidades, o Tambor de Crioula sobreviveu como um legado passado de geração em geração. Em muitos lugares, a prática ocorre sem a formalidade de apresentações artísticas. A essência da brincadeira ainda reside no ato espontâneo de pessoas reunirem-se para celebrar, trocar saberes e afetos, e reforçar laços comunitários. Para muitos/as, a prática está atrelada à devoção a São Benedito e às entidades espirituais, especialmente quando associada ao pagamento de promessas. Nessas graças, os/as brincantes desempenham um papel fundamental ao ajudar na concretização de um voto, muitas vezes compartilhando da fé e da simbologia do momento.

O Tambor de Crioula, no entanto, não se limita às fronteiras do estado do Maranhão. Impulsionado por processos migratórios e pela devoção a São Benedito, ele tem se espalhado para outros estados como Rio de Janeiro, São Paulo, Pará e Amazonas. Brincantes migrantes carregam consigo a tradição, expandindo o alcance dessa expressão cultural, contribuindo para que ela continue viva em novos contextos. Assim, o Tambor de Crioula reafirma sua relevância enquanto manifestação cultural, religiosa e comunitária, permanecendo uma ponte entre o passado, o presente e o futuro (Pires, 2019).

NO RODAR DA SAIA

Todos os povos dançam, e suas danças demonstram suas crenças, suas histórias, suas vitórias, transformações. A dança é a expressão dos sentimentos de forma intensa e legítima, e com o Tambor de Crioula não é diferente. Uma dança em que os tambores pulsam e toma o corpo dos/as brincantes. Para o povo negro e seus/suas descendentes, um banzo¹, tristeza trazida na memória do DNA, uma saudade sem explicação, um vigor, um ritmo cadenciado em que o tambozeiro busca a dançante, e a dançante vai em busca da punga! Que jogo incessante entre os tambores e os corpos! A punga ou umbigada é um movimento corporal característico das danças de origem africana, em que uma mulher vai de encontro a região do umbigo de outra, ou mesmo de um homem.

A dança na cultura popular está inserida num amplo contexto, indo além do que consideramos o enquadramento coreográfico. As linguagens se distinguem, porém,

¹ “Saudade da aldeia” refere-se a um profundo sentimento de tristeza que acometia o povo negro escravizado, impulsionando alguns ao suicídio devido à intensa saudade de sua terra natal e da vida comunitária perdida (Oda, 2007; Haag, 2010).

a maneira como o corpo se dispõe e se estrutura dentro das manifestações populares brasileiras muito se assemelham (Rodrigues, 2005, p. 51).

O Tambor de Crioula é tocado com um conjunto dos três tambores chamado de parelha, constituído dos três tambores, tambor grande, meião e crivador. Outros instrumentos complemen-

tares variam de uma localidade para outra, podendo ser estes: um par de matracas, maracá, uma garrafa sendo tocada por um ferro dentre outros.



Figura 1 – Tambores
(fonte: pesquisa de campo, 2023)

Suas denominações, assim como seus toques e dimensões, tanto no comprimento como em seu diâmetro, são o que vão definir a sonoridade obtida pelo músico percussionista designando seus nomes.

Os três tambores recebem normalmente as denominações de: tambor grande, meião e crivador, os quais são feitos da mesma qualidade de madeira, mangue, sororó, pau d'arco, Angelim, faveira e mescla. Inicialmente são escolhidos três troncos de diâmetros diferentes, em seguida são cortados mais ou menos de acordo com a altura determinada a cada tambor (Ferretti, 2002, p. 78).

Nas rodas de Tambor de Crioula em São Luís, MA, a coreografia mais comum inicia com tocadores e cantadores já posicionados (geralmente homens). As dançantes entram em fila indiana, com passos pequenos, balançando os quadris, enquanto algumas rodopiam. Elas formam uma roda em frente aos tambores, giram duas vezes, e a primeira dançante entra, saudando os tambores ou indo diretamente ao tambor grande. A partir daí, segue-se o rito coreográfico, onde outra dançante sai da roda para dar a pungada ou umbigada, considerado o ponto alto da dança, repetido sucessivamente.

Em outros municípios do Maranhão, a dança apresenta variações. Em Codó, MA, por exemplo, a punga é usada como um convite para que outra dançante se junte à roda. Músicas específicas também influenciam a gestualidade das dançantes, como simular o movimento de lavar roupas quando a letra sugere.

A dança pode ser um convite à brincadeira, mas ser “coreira”² vai além de dançar. Coreira de São Benedito é uma mulher que, além de dançar, é devota e tem um compromisso espiritual. Ela participa das rodas em cumprimento de promessas ou em homenagem ao santo padroeiro.

² Os/As praticantes de Tambor de Crioula costumam chamar de “coreira de São Benedito” a mulher que dança há muito tempo e que também é devota do santo.



Figura 2 – Roda de Tambor de Crioula
(fonte: pesquisa de campo, 2023)

Abaixo, apresentamos um quadro descritivo de movimentos do Tambor de Crioula, baseado em nossas vivencias como dançantes e pesquisadoras/es.

Quadro 1 – Movimentos do Tambor de Crioula

Parte do corpo	Movimentos
Cabeça/tronco	Diversos giros são realizados em diferentes planos: alto, médio e baixo. O ritmo é marcado por balanços contínuos, e em alguns momentos, ocorre o gesto de encostar testa com testa, seja entre a coreira e o tocador do tambor grande ou entre duas coreiras, simbolizando amizade e proximidade.
Braços	Mantidos abertos, com os antebraços dobrados e as mãos apoiadas na cintura, em posição semelhante à “cuchila” da capoeira, evocando movimentos de defesa e ataque, além de marcar a punção.
Quadril	Realizam movimentos laterais de subida e descida, giros circulares, além da marcação da punção, com ações de encaixe e desencaixe do quadril.
Pernas e pés	Mulheres: Lado a lado, os pés permanecem totalmente apoiados no chão, percorrendo passos de diferentes amplitudes — pequenos, médios e grandes. Os movimentos seguem em harmonia, buscando trajetórias circulares que marcam e desenharam formas no chão. Algumas dançantes destacam-se com giros equilibrados unicamente nos calcanhares. Homens: Praticada por homens, onde um homem fica parado e outro homem, tenta derrubar ou dar-lhe uma rasteira, um corpo indo ao encontro do outro.
Abdômen, região do umbigo	Um corpo vai de encontro ao outro, umbigada ou punção.

Fonte: quadro elaborado pelos/as pesquisadores/as, 2023

A RELIGIOSIDADE NO TAMBOR DE CRIOULA

Ao investigar sobre o Tambor de Crioula, é impossível não notar a presença recorrente do Santo São Benedito, tanto nas referências bibliográficas quanto nos depoimentos de brincantes e estudiosos/as. São Benedito é um santo católico de origem africana, filho de escravizados/as, nascido na Itália. Conhecido por sua humildade e dedicação aos pobres, tornou-se uma figura de profunda devoção, especialmente entre comunidades negras. No Maranhão, essa devoção é particularmente significativa, com grande número de fiéis que reconhecem em São Benedito um símbolo de resistência, fé e pertencimento cultural.

De acordo com Ferretti (2002), a associação entre São Benedito e o Tambor de Crioula não é apenas religiosa, mas também cultural. O santo é frequentemente celebrado em festividades que unem a espiritualidade ao ritmo contagiante do tambor, representando um elo entre a tradição católica popular e as raízes africanas. Essa conexão reflete o sincretismo religioso característico da cultura maranhense, onde elementos africanos, indígenas e europeus se entrelaçam, criando práticas únicas que ressignificam a religiosidade e a ancestralidade.

No Maranhão, é comum a suposição de que o Tambor de Crioula foi inventado por São Benedito. Fizemos a mesma pergunta a pessoas relacionadas com terreiros de Tambor de Mina. O Pai de Santo Euclides, do Cruzeiro do Anil, acha que Tambor de Crioula é uma coisa ligada a escravidão que veio da África com São Benedito, protetor dos escravos (Ferretti, 2002, p. 121).

No Maranhão, as festas em homenagem a São Benedito são marcadas por expressões de fé que vão além das orações tradicionais e acontecem, geralmente, no mês de agosto. O Tambor de Crioula, com sua dança vibrante, suas toadas e sua celebração coletiva, é uma forma de louvar o santo e, ao mesmo tempo, reafirmar a identidade cultural de um povo que resistiu à opressão e manteve vivas suas tradições. Assim, pesquisar sobre o Tambor de Crioula é também mergulhar na história de São Benedito, que, como a manifestação cultural, carrega consigo o legado de luta, resistência e celebração da negritude.

A religiosidade no Tambor de Crioula é um dos fatores que mais provoca curiosidade nas pessoas, os rituais contidos nele, e a forma devocional dos/as pagadores/as de promessa. Quando se vai aos festejos para São Benedito, tido como padroeiro do Tambor de Crioula por seus/suas brincantes, podemos observar a brincadeira de forma mais natural, sendo os rituais passados oralmente, e vividos pelos/as brincantes e devotos/as a cada nova geração.

O repasse das tradições é um direito ao conhecimento, um conhecimento válido na comunidade e com significado identitário; digo que “é aquilo que é para os outros, o que nós somos e aquilo que somos e pensamos de nós mesmos”. Direito cultural que permite a superação da visão do saber hierarquizado, da condição de estar subjugado, de uma cultura dita “menor” (Sousa, 2010, p. 133).

O/A pagador/a de promessa é uma figura central na organização das festas ou festejos dedicados a São Benedito, ou a outra entidade para a qual se faz o voto. Ele/Ela é o/a responsável por planejar e conduzir todos os aspectos da celebração, desde o convite aos brincantes do Tambor de Crioula e aos devotos/as até a logística da alimentação e bebidas para os/as participantes. O convite pode ser realizado de várias formas: pessoalmente, por meio de cartas, anúncios de rádio ou até com carros de som que percorrem a comunidade.

O ritual começa com orações e louvores ao santo padroeiro, frequentemente liderados pela pessoa pagadora da promessa. Um momento simbólico desse ato é o acender de uma vela no chão, aos pés do altar, como forma de reverência e conexão espiritual. Após as preces, inicia-se o Tambor de Crioula, geralmente a pessoa pagadora da promessa dança segurando o santo na cabeça, há oferecimento de alimentos, como café ou chocolate acompanhados de bolo de tapioca, podendo incluir outros tipos de bolo, simbolizando hospitalidade e acolhimento.



Figura 3 – Religiosidade e o Tambor de Crioula
(fonte: pesquisa de campo, 2023)

Durante o pagamento da promessa, há a distribuição de bebidas como refrigerantes, conhaque, vinho e cachaça, que são oferecidos aos participantes. Ao final da roda de Tambor de Crioula, uma refeição mais substancial é servida. Essa refeição pode variar entre feijoada,

carne de porco, frango ou outros pratos, dependendo das condições financeiras do/a pagador/a de promessa. A abundância de comida e bebida é uma característica marcante da festa, refletindo a fartura e a generosidade associadas a São Benedito, que é conhecido por alimentar os/as pobres.

Fazer uma roda de Tambor de Crioula significa reunir, receber pessoas, congregar. Pode ser uma homenagem, um momento de gratidão, mas também pode ser um momento de despedida, um “tambor de choro”. É comum, quando um brincante do tambor falece, ser feita uma roda em sua homenagem, durante o velório, como forma de despedida do colega de brincadeira, outros motivos foram desaparecendo. De acordo com Braga (2007, p. 122):

Registra-se a existência no passado de um “tambor de derrubada”, feito depois que toda a roça estava limpa e pronta para o plantio, geralmente depois de setembro ou outubro, era feito em casa mesmo, em louvor da derrubada da roça. Há muitos anos isso não ocorre.

O Tambor de Crioula como espetáculo é uma das danças que esteticamente mais se aproxima das indumentárias das religiões afro-brasileiras, os tambores, as saias rodadas, a dança em semicírculo, as blusas com babados, os cânticos. Sempre é importante que seja dito que, o Tambor de Crioula não é uma religião, e sim uma dança, em que pode ser feita em devoção ou homenagem, a santos, por exemplo, São Benedito, São Cosme e Damião, e a entidades como Preto Velho, Toy Averekete, entre outros/as. Podemos, também, observar que, essa aproximação das religiões afro-brasileiras é geradora de racismo religioso e preconceitos direcionados ao Tambor de Crioula (Ferretti, 2002).

No sincretismo religioso São Benedito corresponde a Verequete, entidade cultuada no Tambor de Mina³. Podemos, então, averiguar os pontos em comum que ligam os/as praticantes do Tambor de Mina com o Tambor de Crioula, ficando bem esclarecido segundo Sergio Ferretti (2002).

Tendo em vista, como diz Octávio Eduardo, que Verequete (São Benedito) no Maranhão, é chefe das cerimônias dos terreiros de mina, procuramos analisar relações entre o Tambor de Crioula, São Benedito e Tambor de Mina. Constatamos inicialmente que alguns brincantes de Tambor de Crioula, homens e mulheres, participam como tocadores ou dançantes em cultos de Tambor de Mina (Ferretti, 2002, p. 122).

É possível observar que as formas ritualísticas de cumprir uma promessa ou fazer um “voto” são diversas, refletindo a relação simbólica de troca entre o/a devoto/a e o santo. Os votos são feitos com base nas necessidades pessoais da pessoa devota, que podem envolver questões de saúde, seja dele/dela próprio/a ou de um/uma familiar, ou ainda em busca de outras

³ O Tambor de Mina, também referido como “simplesmente Mina”, conforme aponta a antropóloga Mundicarmo Ferretti (2006, p. 90), constitui uma expressão religiosa de matriz afroindígena, iniciou na cidade de São Luís, no Maranhão, por volta da segunda metade do século XIX.

bênçãos, como a aquisição de uma moradia, de um veículo, de acesso à educação, ou até mesmo a realização de um casamento, entre outros desejos. Uma vez que a graça solicitada é alcançada, o/a devoto/a cumpre sua promessa como uma forma de agradecimento pela intervenção divina, executando o ritual com a devida reverência e devoção.

Entre o som dos tambores e o rodar das saias: pesquisa de campo

O Tambor de Crioula trabalhado em sala de aula como conteúdo pode possibilitar aos/as estudantes o desenvolvimento de suas potencialidades, permitindo o conhecimento de sua herança africana e afro-brasileira, construção da noção de identidade e de representatividade, além de contribuir para pensar caminhos de inclusão dos conteúdos referentes a estes trabalhos de criação artísticas nos livros didáticos de Artes. Nesta seção, apresentamos o processo e os resultados de nossa pesquisa realizada em uma escola pública localizada no estado do Maranhão. Detalhamos as etapas desenvolvidas, desde o planejamento até a interação com a comunidade acadêmica.

MÊS DE AGOSTO – 1ª SESSÃO

Os encontros realizados durante o mês de agosto seguiram a seguinte estrutura: Com carga horária de 1h40min (cada sessão) e participação de 35 estudantes, teve como temática a apresentação do projeto. O encontro foi marcado por um clima de familiaridade, os/as estudantes já nos conheciam da palestra ministrada anteriormente, no mês de junho⁴. Iniciamos o nosso encontro apresentando-nos formalmente e, em seguida, expusemos os objetivos da pesquisa e sua importância para a comunidade escolar, ressaltando como ele não só traz a dança, o canto e a percussão para o ambiente educacional, mas também oferece a oportunidade de debater questões importantes como preconceito, racismo e desigualdades raciais.

2ª SESSÃO

Durante a primeira sessão, discutimos o histórico do Tambor de Crioula, e investigamos por que essa manifestação cultural, tão rica e representativa da cultura negra, foi associada à macumba. Levantamos questões como: o que caracteriza a “macumba”? Por que as manifestações culturais de origem negra, realizadas por negros/as, são frequentemente demonizadas? Além disso, discutimos se eles/elas já haviam vivenciado o preconceito em suas próprias vidas. Essa reflexão abriu espaço para depoimentos espontâneos, onde alguns/algumas compartilharam suas experiências com o preconceito, iniciando um importante debate sobre o tema.

⁴ Palestra promovida na escola abordando a importância da cultura afro-brasileira e sua contribuição para a formação da identidade nacional.

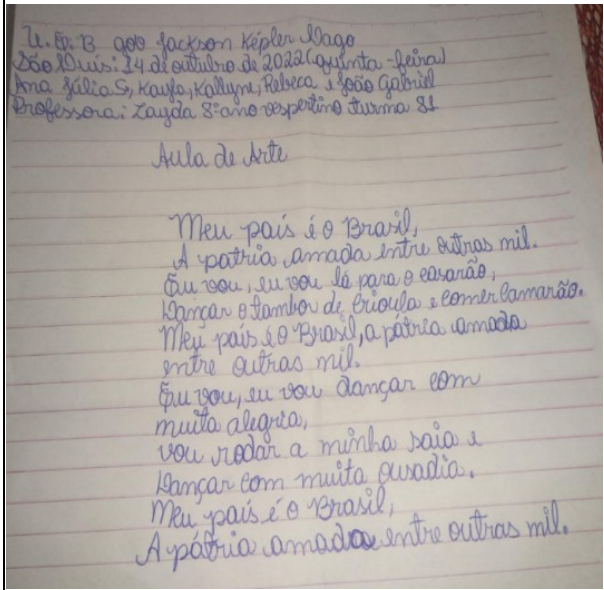
3ª SESSÃO

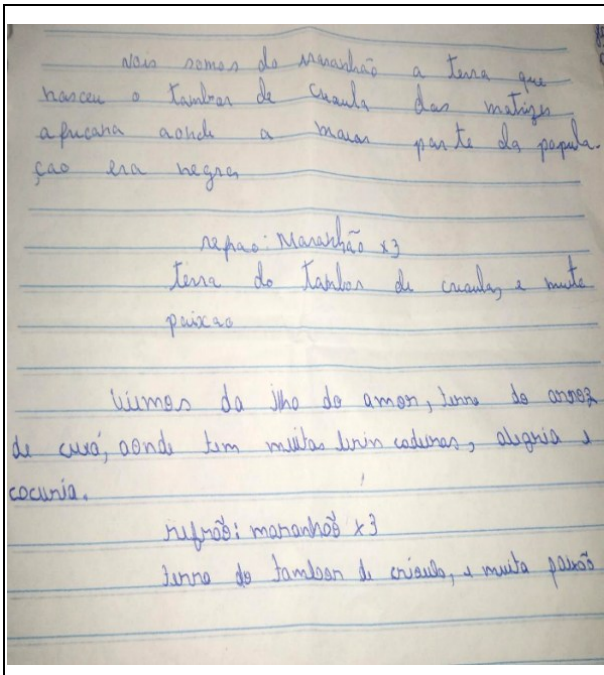
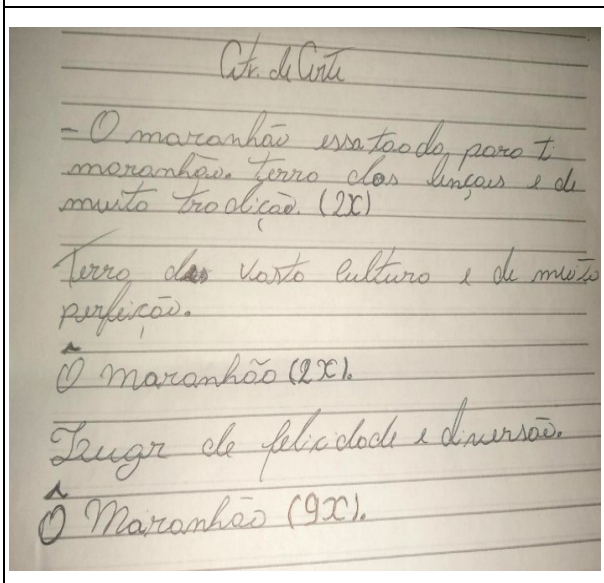
No terceiro encontro, a discussão girou em torno do conceito de preconceito. Buscamos entender o que leva uma pessoa a ter preconceito e as possíveis consequências desse comportamento. Perguntamos: “O preconceito pode levar à morte?” Refletimos sobre como as manifestações culturais de pessoas negras, como as danças, continuam a ser alvo de discriminação e incompreensão, e por que, mesmo no século XXI, ainda existem pessoas que mantêm preconceitos em relação a essas expressões culturais. Foi um momento profundo de questionamento e conscientização sobre as raízes do preconceito e suas repercussões na sociedade.

4ª SESSÃO

No quarto encontro, o foco foi o estudo das toadas do Tambor de Crioula. Após a apresentação de algumas das toadas tradicionais, propusemos a tarefa de composição coletiva, onde os/as estudantes foram divididos/as em seis grupos, cada um com seis integrantes, para criar sua própria toada. Esse exercício visou não apenas explorar o processo criativo, mas também fortalecer o trabalho em equipe e a valorização da cultura afro-brasileira. A criação das toadas foi um momento de intensa expressão cultural, e os resultados refletem a originalidade e o engajamento deles/as com a proposta. A seguir, apresentamos algumas das toadas que foram produzidas pelos grupos.

Quadro 2 – Toadas criadas pelos/as estudantes

Registro dos/as estudantes	Transcrição
	<p><i>Meu país é o Brasil A pátria amada entre outras mil Eu vou, eu vou lá para o casarão Dançar o tambor de crioula e comer camarão Meu país é o Brasil, a pátria amada Entre outras mil Eu vou, eu vou dançar com muita alegria Vou rodar a minha saia e Dançar com muita ousadia Meu país é o Brasil A pátria amada entre outras mil.</i></p>

 <p>Nós somos do Maranhão a terra que nasceu o tambor de crioula das matrizes africanas aonde a maior parte da população era negra</p> <p>Refrão: Maranhão (3X) Terra do tambor de crioula, e muita paixão</p> <p>Vimos da ilha do amor, terra do arroz de cuxá, aonde tem muitas brincadeiras, alegria e caciúria.</p> <p>Refrão: Maranhão (3X) Terra do tambor de crioula, e muita paixão</p>	<p><i>Nós somos do Maranhão a terra que nasceu o tambor de crioula</i> <i>Das matrizes africanas aonde a maior parte da população era negra</i> <i>Refrão: Maranhão (3X)</i> <i>Terra do tambor de crioula e muita paixão</i> <i>Vimos da ilha do amor, terra do arroz de cuxá</i> <i>Aonde tem muitas brincadeiras, alegria e caciúria</i> <i>Refrão: Maranhão (3X)</i> <i>Terra do tambor de crioula e muita paixão</i></p>
 <p>Ô Maranhão essa toada é pra ti Maranhão Terra dos lençóis e de muita tradição (2X)</p> <p>Terra de vasta cultura e de muita perfeição.</p> <p>Ô Maranhão (2X).</p> <p>Lugar de felicidade e diversão.</p> <p>Ô Maranhão (9X).</p>	<p><i>Ô Maranhão essa toada é pra ti Maranhão</i> <i>Terra dos lençóis e de muita tradição (2X)</i> <i>Terra de vasta cultura e de muita perfeição</i> <i>Ô Maranhão (2X)</i> <i>Lugar de felicidade e diversão</i> <i>Ô Maranhão (9X)</i></p>

Fonte: elaborado pelos/as pesquisadores/as, 2023

MÊS DE SETEMBRO

No mês de setembro, os encontros seguiram a seguinte estrutura: o primeiro encontro teve como tema a revisão e aplicação de um questionário de sondagem sobre o Tambor de Crioula. Na segunda sessão, discutimos o racismo e a educação antirracista, abordando a importância de refletir sobre esses temas no ambiente escolar. A terceira sessão, foi dedicada aos toques de Tambor de Crioula, permitindo que as/os estudantes vivenciassem a musicalidade dessa manifestação. Já na quarta sessão, o foco foi nas práticas de dança, dando continuidade ao trabalho com as manifestações culturais.

1ª SESSÃO – SETEMBRO

Nesta sessão, no primeiro horário, realizamos uma revisão dos conteúdos vistos nas aulas do mês anterior, e no segundo horário aplicamos um questionário com as seguintes perguntas:

- 1 – Antes das aulas sobre tambor de crioula, qual era seu conhecimento sobre esta manifestação?
- 2 – Agora o que você pode dizer sobre esta manifestação popular?
- 3 – Você considera importante esse projeto ser aplicado em sala de aula? Por quê?
- 4 – Em quais aspectos você se sentiu contemplado pelo projeto?
- 5 – Deixe uma sugestão para a melhora do projeto na escola.

2ª SESSÃO – SETEMBRO

Neste encontro foi explanado o conceito de racismo, os vários tipos de racismo e feita a observação que o racismo está de forma tão natural em nossa sociedade que passa muitas vezes despercebido. Foi questionado o seguinte: *Quem já passou por uma situação de racismo e como criar uma educação antirracista?* Se é entendido que aconteceu o racismo, ele também pode ser identificado e combatido. Foi pedido que esta resposta fosse dada por escrito. Alguns dos resultados:

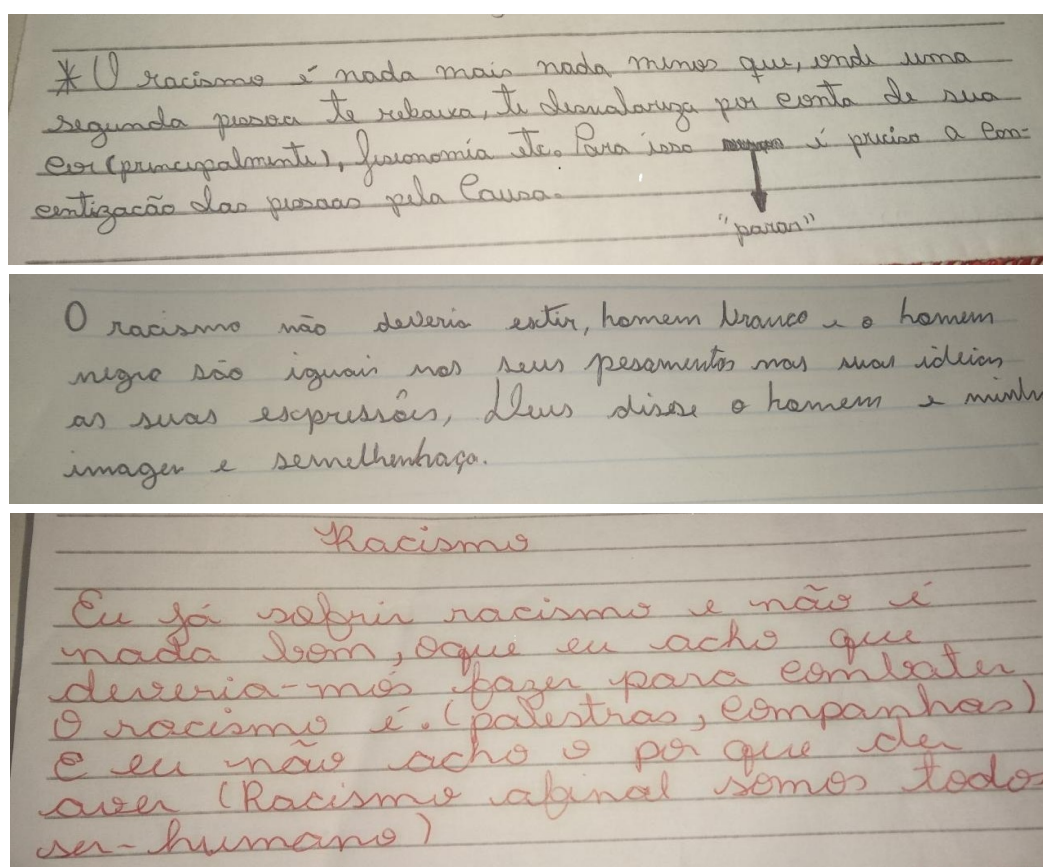


Figura 4 – Registro dos/as estudantes (fonte: pesquisa de campo, 2023)

3ª SESSÃO – SETEMBRO

Nesse encontro, foram apresentados os toques musicais realizados na parelha do tambor de crioula, ressaltando a riqueza e a complexidade dessa manifestação cultural. Cada tambor possui uma função única e complementar: o tambor grande, com sua improvisação, é responsável por criar variações e embelezar os ritmos, enquanto o tambor médio, conhecido como meia, estabelece a marcação principal, determinando o ritmo que orienta toda a brincadeira. Já o tambor pequeno dialoga com o meia, criando um contratempo harmonioso que enriquece ainda mais a sonoridade do conjunto. A interação entre os três tambores demonstra a importância do diálogo rítmico e da coletividade nessa prática cultural.

4ª SESSÃO – SETEMBRO

Na quarta sessão, o foco esteve na prática de dança, explorando aspectos como consciência corporal, percepção do espaço, e o movimento harmônico do corpo. Os/AS participantes trabalharam os movimentos dos pés, dos braços e do quadril, integrando-os ao ritmo dos tambores. Além disso, houve uma atenção especial ao gesto da umbigada, símbolo de conexão e celebração, que é um elemento central no tambor de crioula. A prática buscou alinhar técnica e expressão, incentivando os participantes a vivenciarem a dança como um diálogo entre corpo, música e tradição cultural.



Figura 5 – Aulas de percussão de tambores (fonte: pesquisa de campo, 2023)

MÊS DE OUTUBRO

Em outubro, o primeiro encontro, assistimos ao documentário *Na fiel da balança*⁵, de Francisco Colombo, seguido de uma roda de conversa sobre o tema. A segunda sessão,

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UZwu_k9PYLk.

abordou o Tambor de Crioula como Patrimônio Imaterial, aprofundando a compreensão sobre a importância dessa prática cultural. Já na terceira sessão, discutimos a religiosidade no Tambor de Crioula e o racismo religioso, refletindo sobre as relações entre a manifestação cultural e as questões religiosas.

1ª SESSÃO – OUTUBRO

Neste encontro, os/as participantes assistiram ao documentário *Na fiel da balança*, sobre o Tambor de Crioula, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a história, os significados e as práticas culturais associadas a essa manifestação tradicional. Após a exibição dos vídeos, foi promovida uma roda de conversa reflexiva, na qual eles/elas puderam compartilhar suas impressões e discutir os aspectos apresentados, como a origem, as dinâmicas dos toques, as danças e os desafios enfrentados para manter viva essa expressão cultural. A troca de ideias enriqueceu a percepção coletiva sobre a importância do Tambor de Crioula como símbolo de resistência e identidade cultural.

2ª SESSÃO – OUTUBRO

Nesta sessão, o foco foi o reconhecimento do Tambor de Crioula como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Foi abordado o significado desse título, não apenas como um reconhecimento oficial, mas como um compromisso com a valorização e preservação dessa herança cultural. Os/As estudantes discutiram a relevância desse reconhecimento para garantir a continuidade dessa prática, bem como os desafios de manter o equilíbrio entre a tradição e a inovação. O debate também destacou a importância do envolvimento da comunidade na transmissão de saberes e na luta contra a descaracterização cultural.

3ª SESSÃO – OUTUBRO

A temática deste encontro foi a relação entre o Tambor de Crioula e a religiosidade, com ênfase nos desafios do racismo religioso no Brasil. Partindo do fato de que o Brasil é constitucionalmente um país laico, foram levantadas questões sobre como a intolerância religiosa se manifesta, especialmente em relação às práticas de matriz africana. Os/As discentes realizaram leituras de textos que contextualizavam o racismo religioso, analisando como ele afeta a expressão cultural e espiritual do Tambor de Crioula. A atividade culminou em um debate dinâmico, no qual foram discutidas estratégias para combater o preconceito e valorizar a diversidade religiosa, destacando o papel da educação na construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

MÊS DE NOVEMBRO

No mês de novembro, iniciamos com a primeira sessão sobre estética e beleza africana, discutindo os aspectos estéticos das vestimentas e adereços da cultura africana, seguida de uma segunda sessão que abordou a questão de gênero no Tambor de Crioula, com foco na participação de mulheres e homens nessa prática cultural. A terceira sessão foi dedicada ao aprendizado sobre a confecção de uma parelha de Tambor de Crioula. O ciclo de encontros foi finalizado com a quarta sessão, marcada pela culminância do projeto, onde os/as estudantes participaram da roda de Tambor de Crioula, reunindo todo o aprendizado adquirido ao longo da pesquisa.

1ª SESSÃO – NOVEMBRO

O tema deste encontro foi a beleza negra e a diversidade étnica na África, com destaque para os tecidos tradicionais e seus significados. Trabalhamos a estética e a riqueza cultural dos tecidos africanos, comparando-os com tecidos brasileiros, para destacar as semelhanças, influências e especificidades de cada um. Levamos três tipos de tecidos africanos autênticos e outros tecidos brasileiros para observação e manuseio, permitindo que as alunas se aproximassem da história e da simbologia presentes nesses materiais. Durante a sessão, realizamos uma atividade prática em que os/as estudantes aprenderam a criar turbantes e torços, resgatando tradições ancestrais e promovendo o empoderamento a partir da valorização da estética negra.

2ª SESSÃO – NOVEMBRO

Neste encontro, promovemos uma discussão sobre os papéis sociais no Tambor de Crioula, com um foco especial na questão de gênero. Analisamos como a divisão de papéis no Tambor de Crioula reflete construções sociais mais amplas, questionando quais lugares são tradicionalmente ocupados por homens e mulheres na sociedade. A atividade provocou reflexões sobre as funções específicas atribuídas a cada gênero dentro dessa manifestação cultural, como o papel dos homens na confecção e execução dos tambores e o protagonismo das mulheres na dança e na celebração. A discussão também abordou como essas divisões podem ser ressignificadas para valorizar a participação igualitária de todos os gêneros

3ª SESSÃO – NOVEMBRO

O foco deste encontro foi a confecção dos instrumentos musicais utilizados no Tambor de Crioula, destacando a ciência e a tecnologia envolvidas nesse processo artesanal. Os/As estudantes aprenderam sobre os tipos de madeira utilizados, as técnicas de escavação e modelagem dos tambores, e os cuidados necessários para preservar a qualidade sonora e a

durabilidade dos instrumentos. Discutimos ainda a importância de transmitir esse conhecimento técnico e cultural para as novas gerações, garantindo a continuidade e a autenticidade dessa tradição. A atividade prática envolveu a manipulação de materiais e ferramentas, proporcionando uma experiência enriquecedora e integradora.

4ª SESSÃO – NOVEMBRO

No último encontro, realizamos a culminância do projeto na comunidade escolar, um momento especial para celebrar as aprendizagens adquiridas ao longo das atividades. O evento incluiu depoimentos dos/as estudantes, exposição de fotos, textos, redações e toadas criadas durante o projeto. A turma participou de uma roda de Tambor de Crioula, na qual puderam aplicar e demonstrar os conhecimentos adquiridos, envolvendo toda a comunidade escolar em um momento de celebração e partilha. Além disso, aplicamos novamente o questionário inicial para avaliar o crescimento das/os estudantes em relação ao tema, tanto em termos de engajamento quanto de aquisição de conhecimento. Esse fechamento consolidou os resultados do projeto e reforçou a importância de dar continuidade a ações que promovam a valorização da cultura afro-brasileira no ambiente escolar. As perguntas deste momento, foram as seguintes:

- 1 – Antes das aulas sobre Tambor de Crioula, qual era seu conhecimento sobre esta manifestação?
- 2 – Agora o que você pode dizer sobre esta manifestação popular?
- 3 – Você considera importante esse projeto ser aplicado em sala de aula? por quê?
- 4 – Em quais aspectos você se sentiu contemplado pelo projeto?
- 5 – Deixe uma sugestão para a melhora do projeto “Eh coreira!! Tambor de crioula em sala de aula”.



Figura 6 – Aulas de dança (fonte: pesquisa de campo, 2023)

É importante destacar que manifestações culturais como a capoeira, o tambor de crioula, o bumba-meu-boi e tantas outras danças de origem negra, embora bem-vindas no ambiente escolar sob a perspectiva do folclore, muitas vezes são reduzidas a algo meramente leve e divertido. Esse enquadramento reforça a falácia da “harmonia racial” e da “miscigenação das três raças” que, historicamente, silencia conflitos e apaga as profundas desigualdades geradas pelo racismo estrutural. No entanto, quando essas expressões culturais são abordadas de forma mais crítica, trazendo à tona discussões sobre racismo, desigualdade e exclusão, o clima dentro das escolas pode tornar-se tenso e até divergente. Esse cenário reflete o papel da escola como um microcosmo da sociedade, onde o racismo estrutural e institucional ainda se manifesta de maneira visível e profunda.

A dança, presente nos currículos escolares e nos conteúdos de livros didáticos, deve ser vivenciada na prática para garantir o direito das/os estudantes à expressão cultural e artística. Quando a dança trabalhada em sala de aula é uma expressão popular como o Tambor de Crioula, o impacto é ainda mais significativo. Ao incluir essa manifestação cultural no espaço escolar, ela é retirada da marginalização e do silenciamento histórico ao qual foi submetida, rompendo com o preconceito que a confina ao “lugar do outro” – o lugar atribuído às populações negras em nossa sociedade racista. Reconhecer e valorizar o Tambor de Crioula no ambiente escolar valida o direito à diversidade cultural e contribui para a formação de uma sociedade mais justa e inclusiva, que celebra a riqueza das suas heranças culturais afro-brasileiras.

O conhecimento da história da dança, formas e estilos (jazz, moderna, balé clássico, sapateado etc), estudos étnicos (inclui-se o estudo das danças folclóricas e populares) poderá possibilitar ao aluno traçar relações diretas entre épocas, estilos e localidades em que danças foram e são (re)criadas, podendo, assim, estabelecer relações com as dimensões sociopolíticas e culturais da dança (Brasil, 1997, p. 75).

A dança do e no Tambor de Crioula começa a trilhar um caminho de legitimação a partir do momento em que é incorporada no ambiente escolar. Essa inclusão rompe com os preconceitos históricos que a associavam a termos pejorativos, como “dança de macumba”, e outras denominações destinadas a diminuir sua relevância cultural e espiritual. Dentro da escola, os/as estudantes encontram força e empoderamento ao vestir as saias rodadas – que simbolizam tradição e resistência – juntamente com suas fardas escolares, um gesto que une suas identidades culturais e educacionais. Com essa visibilidade, nada mais é escondido ou silenciado. Os temas relacionados às culturas negras no Brasil começam a ser tratados com a seriedade e o respeito que merecem. Durante as aulas, os/as estudantes passam a relatar espontaneamente histórias de familiares que participam de danças e religiões de matriz africana, compartilhando também vivências de preconceito na comunidade. Esses depoimentos tornam-se catalisadores de reflexões e promovem um ambiente de diálogo e acolhimento, fortalecendo o senso de pertencimento e autoestima.

Ao mesmo tempo, é necessário observar criticamente o papel do Estado e de suas instituições no controle das manifestações culturais. Historicamente, as expressões populares, como o Tambor de Crioula, são ora reprimidas ora exaltadas, dependendo dos interesses políticos e econômicos em jogo. Muitas vezes, práticas tradicionais são instrumentalizadas, transformadas em produtos turísticos ou simulacros de autenticidade, que servem mais para o consumo de visitantes do que para preservar suas raízes. Essa comercialização descaracteriza a essência dessas manifestações e reforça desigualdades ao centralizar os lucros fora das comunidades que mantêm vivas essas tradições.

Esses encontros educativos, no entanto, vão além da valorização estética e musical do Tambor de Crioula. Eles criam oportunidades para reflexões sobre identidade, cultura e os desafios enfrentados pelas pessoas negras no Brasil. Ao vivenciar e discutir essa manifestação cultural, os/as participantes são levados/as a compreender as complexas relações entre cultura, história e resistência, enquanto promovem o reconhecimento da riqueza e da relevância das heranças afro-brasileiras na formação da identidade nacional.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, buscamos enfatizar a relevância do Tambor de Crioula como ferramenta pedagógica antirracista, evidenciando seu poder como uma manifestação cultural afro-brasileira de resistência e identidade. A pesquisa destacada como essa prática ancestral, quando inserida no contexto educacional resgata a memória e os saberes afro-brasileiros e possibilita aos/as estudantes uma vivência ativa da cultura negra, fortalecendo sua compreensão sobre a história de resistência e liberdade que atravessa os séculos.

É evidente que a inserção do Tambor de Crioula nas práticas pedagógicas vai além de uma mera abordagem cultural; ela se configura como um caminho para a construção de uma educação mais inclusiva e representativa. Através da dança, da música e da teatralidade presentes no tambor, as/os estudantes regularam sua herança africana e se colocam como protagonistas de uma narrativa que foi historicamente silenciada. Esse processo de reconhecimento permite a construção de uma identidade positiva e fortalece a autoestima, além de contribuir para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e menos permeado pela discriminação racial.

Contudo, ao refletirmos sobre a presença do Tambor de Crioula no currículo escolar, é fundamental considerar que, apesar de sua importância cultural, ele ainda é uma prática marginalizada no ensino formal. A ausência desse conteúdo nos livros didáticos e a escassez de materiais pedagógicos que abordem a cultura afro-brasileira de formação aprofundada refletem um sistema educacional que ainda carrega marcas de uma educação colonial. Portanto, é essencial que as políticas públicas e iniciativas educacionais busquem integrar essas manifestações culturais nos currículos escolares de maneira sistemática e orgânica,

não apenas como um “extra” no final do ano letivo, mas como parte central do processo de formação das/os estudantes.

A experiência vivenciada na escola em que aplicamos o Tambor de Crioula como ferramenta pedagógica demonstra que o envolvimento das/os estudantes foi imediato e profundo. Ao entrar em contato com essa prática cultural, as/os estudantes não só aprenderam sobre a história do Maranhão e do Brasil, mas também vivenciaram o poder transformador da arte como instrumento de resistência e educação. O tambor, como metáfora da força e da resistência negra, revelou-se uma poderosa ferramenta para discutir questões como o racismo estrutural, a identidade negra e a importância de um ensino que valorize a diversidade cultural do país. O impacto positivo nas turmas envolvidas sugere que esse tipo de abordagem pode ser ampliado, alcançando mais escolas e mais estudantes, contribuindo assim para a construção de uma educação mais equitativa e plural.

Por fim, ao concluir esta pesquisa, é necessário ressaltar que o caminho para uma educação antirracista e verdadeiramente inclusiva passa pela valorização das culturas afro-brasileiras em sua totalidade. O Tambor de Crioula, ao ser introduzido no ambiente escolar (re)afirma o protagonismo da cultura negra e desafia o sistema educacional a compensar suas práticas e suas representações. Espera-se que esse trabalho inspire novas abordagens pedagógicas e que as escolas se tornem espaços onde todas as culturas, especialmente a afro-brasileira, possam ser vividas e ensinadas com dignidade, respeito e força de suas tradições.

Referências

- BRAGA, Ana Socorro Ramos (coord.); GOMES, Clícia Adriana Abreu; MENEZES, Flávia Andressa Oliveira de. *Tambores do Piqui, cartas de liberdade: memória e trajetória da comunidade Piqui da Rampa*. São Luís: 2007.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- FERRETTI, Mundicarmo. Tambor-de-Mina em São Luís: dos registros da Missão de Pesquisas Folclóricas aos nossos dias. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 3, n. 6, 2006. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/811/3043>. Acesso em: 30 nov. 2025.
- FERRETTI, Sergio. *Tambor de crioula ritual e espetáculo*. 3. ed. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2002.
- HAAG, C. A saudade que mata. *Pesquisa Fapesp*, n. 172, p. 87-89, jun; 2010. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2012/07/086-089-172.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2023.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- ODA, A. M. G. R. O banzo e outros males: o páthos dos negros escravos na Memória de Oliveira Mendes. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, ano X, n. 2, 2007.
- PINTO, João Bosco Guedes. *Pesquisa-ação: detalhamento de sua sequência metodológica*. Recife: Mimeo, 1989.

PIRES, Cássia. *Coreiras*: performance e jogo no tambor de crioula. São Luís: EDUFMA, 2019.

RODRIGUES, Graziela. *Bailarino, pesquisador, intérprete*: processo de formação. Rio de Janeiro: Funarte, 2005.

SANTOS, Maria Roseli S. *Entre o rio e a rua*: cartografia de saberes artístico-culturais na Ilha de Caratateua, Belém do Pará. Belém: Eduepa, 2010.

SEMERENE, Bárbara. Como Surgiram? 2007. Disponível em: <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2007/06/18/424137/omo-surgiram.htm>. Acesso em: 1 fev. 2023.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1985.